

## EDUCAÇÃO EM VALORES SOCIOMORAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA CRIANÇAS ENTRE CINCO E SEIS ANOS DE IDADE

---

Amanda Silveira<sup>1</sup>

Rita Melissa Lepre<sup>2</sup>

### Resumo

A educação em valores sociomORAIS na escola de educação infantil é uma ação possível e necessária e deve ser uma tarefa compartilhada entre escola, família, comunidade e sociedade. Com o objetivo de propiciar as bases para o desenvolvimento da autonomia moral, as dimensões cognitivas, afetivas e sociais se entrelaçam na tarefa de educar moralmente as crianças. O objetivo deste artigo é apresentar e discutir, com base em uma revisão sistemática de literatura, com foco na integração entre a ética do cuidado e a justiça, uma sequência didática que contemple a educação em valores na educação infantil. A práxis pedagógica voltada à construção da moralidade se faz imprescindível desde os anos iniciais de escolarização, a partir da proposição de ambientes sociomORAIS que considerem os afetos e a cognição da criança, contextualizada como um sujeito de ação, um ser em si e um vir a ser.

**Palavras Chave:** Educação infantil; Desenvolvimento moral; Valores.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, formada pela Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru. E-mail: [amanda.silveira1@unesp.br](mailto:amanda.silveira1@unesp.br)

<sup>2</sup> Mestre e Doutora em Educação e Livre-Docente em psicologia da Educação. Docente da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências, Departamento de Educação. E-mail: [melissa.lepre@unesp.br](mailto:melissa.lepre@unesp.br)

---

## EDUCATION IN SOCIO-MORAL VALUES IN CHILDHOOD EDUCATION: A PROPOSAL OF TEACHING SEQUENCE FOR CHILDREN BETWEEN FIVE AND SIX YEARS OLD

---

### Abstract

Education in socio-moral values in the early childhood school is a possible and necessary action and should be a task shared by schools, families, communities and society. In order to provide the basis for the development of moral autonomy, the cognitive, affective and social dimensions are intertwined in the task of educate children morally. The purpose of this article is to present and discuss, based on a systematic literature review, focused on the integration between the ethics of care and justice, a didactic sequence that contemplates education in values in early childhood education. Pedagogical praxis aimed at the construction of morality is a possibility since the early years of schooling, based on the proposition of moral environments that consider the child's affections and cognition, contextualized as a individual of action, a being in itself and a becoming.

Keywords: Child education; Moral development; Values.

### Introdução

A educação em valores sociomorais tem como objetivo a formação humana integral com vistas à construção da autonomia, na qual todo o âmbito do desenvolvimento humano é considerado: o cognitivo, o afetivo-emocional, o físico-motor, o social e o cultural. Nesta concepção, o sujeito se desenvolve e aprende a partir de interações físicas e sociais em um ambiente que proporciona uma determinada realidade sociomoral em valores, que pode ou não potencializar e estimular a construção da autonomia.

A questão dos valores é absolutamente fundamental para o Homo Sapiens Sapiens, pois, no fundo, somos Homo Moralis, Homo Ethicus ou mesmo Homo Valens; qual seja, não é possível pensar-se com rigor a existência humana sem um conjunto de valores de referência. Pode-se questionar a relevância dos valores assumidos, sua consistência ou seu grau de coerência, mas não sua presença na vida concreta das pessoas. Valor é um fim, algo para o qual a ação humana pode e deve se dirigir,

aquilo que “vale a pena”; valor é o que dá sentido à atividade e, no limite, à vida. (VASCONCELLOS, 2012, P.07)

Segundo DeVries e Zan (1998) da mesma forma que o desenvolvimento e conhecimento do mundo físico são concebidos e integrados pela criança, o conhecimento moral, de valores e virtudes, deve ser compreendido por meio de suas interações sociais. Entendendo ambiente sociomoral como os relacionamentos interpessoais que formam a experiência escolar da criança (DEVRIES; ZAN, 1998), o trabalho pedagógico com a educação em valores na Educação Infantil deve proporcionar aos pequenos o contato com valores como a empatia, a cooperação, o senso de coletividade, a generosidade, a justiça, o cuidado com o outro, entre outros. Miguel (2021), aponta que um ambiente sociomoral cooperativo deve ser estabelecido desde a educação infantil, “pois é a partir das relações de cooperação que a criança constitui sua moralidade autônoma”. (p.161)

Vasconcellos (2012) defende que a construção de um outro mundo possível passa pela sala de aula e pela ação pedagógica intencional do professor para educar em valores. E tal educação deve ser iniciada o mais cedo possível, complementando as ações da família e da comunidade.

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica brasileira, pode oferecer às crianças, entre outras inúmeras possibilidades, a experiência da convivência com o outro, professores e colegas, a partir da qual serão construídas matrizes fundamentais das relações interpessoais envolvendo valores morais.

Os ambientes e espaços da escola infantil se revelam como elementos fortemente relacionados ao desenvolvimento e à aprendizagem das crianças. Nesse sentido, é importante que sejam planejados e avaliados na tentativa de possibilitar relações e vivências éticas de cuidado consigo mesmo e com o outros, pautadas no bem comum, na generosidade e na justiça.

O trabalho pedagógico com a educação em valores na escola de Educação Infantil, na perspectiva do cuidado com o outro, objetiva auxiliar na construção de um mundo mais ético, justo, menos violento e emocionalmente saudável, com vistas à construção da autonomia moral dos sujeitos.

Neste artigo pretendemos apresentar uma proposta de Sequência Didática (SD) que contemple a educação em valores, com base nas pesquisas piagetianas (1932/1994) e na ética do cuidado proposta por Gilligan<sup>3</sup> (1982). Julgamos importante registrar que buscaremos os pontos em que essas teorias se comunicam e podem se complementar e não suas diferenças epistemológicas de base. Esclarecemos, ainda, que ao pensar uma sequência didática a fazemos como proposta e como exercício de reflexão docente e não como um modelo a ser seguido. O professor pode utilizar esse instrumento como base de suas reflexões e, ao contextualizar sua realidade pedagógica, adaptá-la à sua práxis docente.

## **2. O desenvolvimento moral e a educação em valores na Educação Infantil**

No âmbito da Psicologia, os estudos de Jean Piaget (1932/1994) foram pioneiros na investigação empírica sobre o desenvolvimento do juízo moral na criança. Para a realização de suas pesquisas Piaget teve como procedimento investigativo o jogo de bolinhas de gude, entre os meninos, e, em menor escala, o jogo de pique, entre as meninas. Por meio da utilização do método clínico, com observações e entrevistas, o epistemólogo genebrino propôs um caminho psicogenético no desenvolvimento da moralidade que vai da anomia para a autonomia, passando pela heteronomia.

Esse desenvolvimento depende das interações sociais estabelecidas ao longo da vida, não sendo algo inato, nem sendo adquirido por simples pressões

---

<sup>3</sup> Carol Gilligan (1936-atual) é psicóloga, professora da Universidade de Nova York. Referência nos estudos da moralidade e gênero, propõe reflexões e pesquisas sobre a ética do cuidado como uma opção moral possível.

ambientais. A moralidade é ativamente construída pelas vivências sociais que o sujeito estabelece durante sua vida. Uma vez que moralidade e cognição estão intimamente relacionadas, Piaget (1932/1994) afirma que para se atingir a autonomia é necessário que a pessoa tenha chegado ao estágio operatório-formal e construído o raciocínio hipotético-dedutivo. No entanto, se essa é uma condição necessária à construção da autonomia, não é uma condição suficiente, ou seja, não basta atingir o estágio das operações formais, mas é preciso ter vivenciado situações que possibilitem tal avanço, como aquelas pautadas na cooperação, que possibilitarão a autorregulação e a conservação de aspectos morais.

De acordo com Borges e Tognetta (2013) os educadores em geral almejam a formação moral de seus alunos com o intuito de que eles sejam respeitosos, justos, generosos, porém nem todos reconhecem que esses valores são construídos por meio da interação e do cotidiano escolar, sobretudo, pelo estabelecimento de relações de cooperação que propiciem a convivência ética.

Piaget (1932/1994) define dois tipos de relações sociais: as relações de coação e as relações de cooperação. Ambas acontecem desde a mais tenra idade e causam efeitos na formação do juízo moral. As relações de coação são aquelas pautadas na autoridade e no prestígio do outro, que detém o poder de fala e ação, coagindo a outra pessoa a ouvir e acreditar sem questionamentos (FREITAS, 2002). Já as relações de cooperação são aquelas nas quais não intervém nenhum elemento de autoridade ou prestígio, entre indivíduos que se acreditam iguais, sendo pautadas no respeito mútuo e na reciprocidade (FREITAS, 2002, PIAGET, 1932/1994).

Segundo Lepre (2005), para Piaget, educar moralmente é proporcionar situações na qual se possa vivenciar a cooperação, a reciprocidade e o respeito

mútuo e assim, construir a autonomia, ou seja, a educação em valores deve ser realizada de forma intencional e planejada.

Um desenvolvimento moral apropriado depende de uma educação baseada em valores cidadãos (Mazzini & Bastos, 2016). Tendo em vista que os valores são investimentos afetivos que guiam as ações dos indivíduos em determinada direção (Piaget, 1954/2014), o estímulo a valores tais como a justiça, o respeito, a solidariedade e a convivência democrática permite que as pessoas direcionem suas vidas rumo à cidadania. (SIQUEIRA; FREITAS, 2021, p.02)

Mas, o caminho e os meios para a construção da autonomia moral é o mesmo para homens e mulheres? Seria esse um caminho único pautado na justiça?

Gilligan (1982) em seu livro “Uma voz diferente” apresenta uma vertente de definição do conceito de moralidade a partir de dois olhares e percepções, uma feminina e outra masculina. Por meio de suas pesquisas, descobriu que as percepções de mulheres e homens referentes às atitudes que são julgadas moralmente corretas ou não, a partir de situações sociais, são distintas e suas respostas frente a isso também. Esta autora aponta para um raciocínio moral encontrado nos homens mais pautado na justiça ou em aspectos legalistas, enquanto o raciocínio moral das mulheres é mais pautado no cuidado com o outro (care).

No sentido de evitar a proposição de uma educação em valores pautado no desenvolvimento moral masculino (justiça) ou feminino (cuidado com o outro), buscamos convergir as concepções de imperativos morais de mulheres e homens na tentativa de proposição de um trabalho pedagógico que considere diferentes perspectivas morais e que caminhe para a convergência de possíveis diferentes formas de construção da moralidade.

Para tanto, nos apoiamos em Gilligan (1982), quando aponta:

O imperativo moral que surge repetidamente nas entrevistas com as mulheres é uma obrigação a cuidar, uma responsabilidade de discernir e suavizar o “problema real e reconhecível” deste mundo. Para os homens, o imperativo moral aparece mais como uma obrigação de respeitar os direitos dos outros e assim proteger de interferência os direitos à vida e à auto-realização. [...] O desenvolvimento de ambos os sexos parece, portanto, ocasionar uma integração de direitos e responsabilidades que ocorre mediante uma lógica psicológica dos relacionamentos. (p.110)

Nesse contexto, Goergen (2007) coloca que a formação moral do sujeito é de extrema importância para que se evite a barbárie, no entanto, para que isso aconteça efetivamente na escola, a formação moral deve ser colocada como parte central na educação. Acrescentamos que tal formação deve ter início na Educação Infantil e considerar diferentes perspectivas e a integração entre a responsabilidade e o direito.

As crianças passam muito tempo de suas vidas na escola de educação infantil, local no qual se intensificam seus processos de desenvolvimento, sua maneira de pensar e julgar, seus conceitos e representações, sua sensibilidade, atitudes e comportamentos, constituindo sua identidade e suas diferenças. (GOERGEN, 2007). Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (1998), apontam que as experiências vivenciadas pelas crianças na Educação Infantil são fundamentais para a formação humana podendo deixar marcas significativas ao longo da vida. O documento afirma que as primeiras experiências são as que marcam mais profundamente o desenvolvimento integral e, quando positivas, tendem a reforçar ao longo da vida as atitudes de autoconfiança, cooperação, solidariedade, igualdade e responsabilidade.

Compreender como as tensões entre responsabilidade e direitos mantêm a dialética do desenvolvimento humano é ver a integridade de dois modos díspares de experiência que estão afinal interligados. Enquanto uma ética da justiça provém de uma premissa de igualdade – que todos devem ser tratados da mesma maneira – uma ética do cuidado repousa na premissa da não-violência – de que ninguém deve ser prejudicado. (GILLIGAN, 1982, p.186).

Montenegro (2005) afirma que a formação moral não deve estar pautada apenas na construção da autonomia moral, mas deve perpassar o entendimento e superação do egocentrismo, privilegiando a formação de valores e o bem-estar coletivo.

No entanto, para que essa formação moral contribua para o processo de desenvolvimento de pessoas não apenas autônomas, mas também sensíveis às necessidades do outro, esse modelo de educação moral deve se pautar num paradigma teórico do desenvolvimento moral e em uma revisão crítica dos modelos comumente utilizados na educação moral. (MONTENEGRO, 2005, P.97)

Piaget (1930/1996) apresenta e discute duas possibilidades para a educação moral: os procedimentos verbais e os métodos ativos. Se educar moralmente é educar para autonomia, então o método eficaz para essa educação só pode ser o ativo, aquele em que os sujeitos participam da construção e discussão dos valores e normas morais. Assim, a educação moral não pode ser desenvolvida, apenas, por meio de lições de moral por transmissão verbal, ao contrário, deve acontecer em todos os espaços em que as crianças estão em relação e, em decorrência dessa convivência, possam experimentar as vantagens da cooperação, da solidariedade, da igualdade, da justiça. (LEPRE, 2005). No entanto, os métodos verbais não são proscritos e podem ser utilizados quando se conectam a uma proposta maior de educação em valores.

A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), por sua vez, apresenta a proposta de um aluno que seja ativo e protagonista na construção de seu conhecimento por meio do desenvolvimento de dez competências gerais que devem ser trabalhadas desde a Educação Infantil, visando a formação de valores, conhecimentos e habilidades para a constituição de um sujeito autônomo, criativo, crítico, reflexivo e cooperativo.



Para DeVries e Zan (1998), ao se falar em valores, também é preciso considerar que a aceitação e a construção de valores podem ser influenciadas pela forma como esses são percebidos pelos sujeitos diante do seu contexto de vida. De acordo com Folha (2013), a escola colabora na formação da criança por possibilitar a interação e a troca de experiências entre os pares, favorecendo assim, o desenvolvimento da autonomia por meio de suas próprias escolhas.

No ambiente escolar a criança entra em contato com uma diversidade de crenças, juízos e valores que acabam interferindo em sua formação. Acreditamos que uma intervenção de forma sistemática a partir das abordagens direta e indireta utilizadas para o desenvolvimento do trabalho em valores humanos poderá contribuir para a formação de virtudes, possibilitando a interação e a vivenciar práticas de autoconhecimento e a convivência em grupo que irão possibilitar ao aprendiz fazer suas próprias escolhas. (FOLHA, 2013, P. 28-29).

Ainda nesse sentido, DeVries e Zan (1998) ressaltam que é necessário proporcionar um ambiente sociomoral construtivista, entende-se como um ambiente onde as relações são baseadas no respeito mútuo, princípios de justiça, envolvimento e conforto físico, pois com esse ambiente as crianças irão desenvolver mais do que princípios democráticos de justiça e envolvimento pessoal, mas também “a natureza cooperativa do relacionamento construtivista entre professor-aluno e a influência de toda a experiência escolar no desenvolvimento da criança”. (DEVRIES E ZAN, 1998, p.13)

É necessário que a escola rompa com os ensinamentos puramente orais, nos quais são apenas expostos modelos a serem seguidos, como por exemplo, se o que se intenciona é que a criança desenvolva a solidariedade, é necessário que esse valor seja percebido e vivenciado por ela no ambiente escolar, para que ela tenha uma experiência pessoal e coletiva e possa, por meio da autorregulação e da interiorização, compreender e construir estruturas morais.

Cabe destacar que a afetividade também é um requisito importante para que haja sucesso na educação em valores, sobretudo na educação infantil. De acordo com Almeida (1999, p.13) “a escola, como espaço legítimo para a educação da criança, deveria procurar articular a união da vida afetiva com a vida intelectual”. Para DeVries e Zan (1998, p.12) “o afeto é um elemento motivacional indissociável no desenvolvimento intelectual, os vínculos sócio afetivos (ou a falta desses) motivam o desenvolvimento social e moral”. Então, não se pode falar de educação em valores, sem falar de um ambiente que promova vínculos afetivos que podem facilitar a convivência ética.

Para Almeida (1999), é necessário que todos os envolvidos na tarefa de promover uma educação em valores, sejam agentes transformadores, que rompam com as ações pautadas na autoridade e submissão de seus educandos, privilegiando um ambiente acolhedor, afetivo, assumindo um papel relevante no desenvolvimento infantil, considerando a formação social, moral, afetiva e cognitiva da criança. Compreende-se então que a postura do educador e a relação professor-aluno é essencial para fortalecimento da construção de valores, de conhecimentos pessoais e sociais. O objetivo deve ser o de promover a construção de relações interpessoais mais democráticas no ambiente escolar.

De acordo com DeVries e Zan (1998), o educador não deve estar apenas presente e emocionalmente disponível para as crianças, mas para que haja respeito e reciprocidade nas interações é necessário levar “os sentimentos destas em consideração e tentar ajudá-las a construir um sistema mais estável de sentimentos e modos de lidar com sentimentos difíceis”. (p.68). Ainda segundo as autoras, “o respeito pelas crianças exige a comunicação da aceitação e afeto. Exige o planejamento de um ambiente que encoraje e apoie as expressões de sentimentos, interesses e valores pelas crianças”. (DEVRIES E ZAN, 1998, p. 68).

Folha (2013), afirma que a educação em valores, especialmente no âmbito da educação infantil, não requer a introdução de uma nova disciplina específica, mas sim a articulação entre os conteúdos, com o planejamento das ações considerando a criança como sujeito ativo, proporcionando interações sociais mostrando para as crianças a importância dos valores para a relação do ser humano, em um ambiente acolhedor e afetivo. Para tanto é importante que se considere o cuidado com o outro e a justiça como imperativos morais necessários ao desenvolvimento de uma convivência ética e, portanto, mais humana.

O processo de aprendizagem dos valores morais na escola é contínuo e ininterrupto e

referem-se a estruturação formal de procedimentos ou modos de ensino na escola e construção junto aos alunos de valores morais e/ou éticos considerados fundamentais para a convivência em sociedade; tais como, a justiça, dignidade, igualdade, respeito, solidariedade, cooperação e outros. (MENIN; TREVISOL; MARTINS, 2010)

Muitos podem ser os procedimentos pedagógicos utilizados no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil e todos eles, dependendo de como são utilizados, apresentam potencialidades e limites. Neste artigo propomos a utilização da Sequência Didática (SD) para o trabalho com a educação em valores na escola infantil, acreditando que esse possa ser um instrumento que estimule a intencionalidade e o planejamento do professor voltado a esse fim.

Araújo (2013) define a SD como uma forma do professor planejar e organizar as atividades que pretende ensinar em função de núcleos temáticos e procedimentais. Zabala (1998), por sua vez, define a SD como “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como pelos alunos” (p.18).

Araújo (2013), aponta que, para ter eficácia, a (SD) deve seguir uma estrutura de base, considerando sempre uma produção inicial ou diagnóstica, que possibilitará ao professor fazer o levantamento prévio dos conhecimentos que seus alunos já têm sobre a temática em questão, e a partir disso poder adaptar as atividades propostas de acordo com a realidade da sala. Cada etapa da (SD) deve ter uma lógica sequencial objetivando a evolução do conhecimento de forma progressiva, e depois a produção final. Assim a (SD) torna o processo ensino-aprendizagem mais significativo com sua avaliação processual que acontece durante todo o processo de desenvolvimento. (ARAÚJO, 2013)

Uma SD é mais do que um instrumento para organizar uma aula, uma vez que pode se converter em uma condução metodológica pautada em teorias do desenvolvimento e da aprendizagem. No caso deste trabalho, as teorias que embasarão a SD proposta são: a teoria do desenvolvimento do juízo moral de Piaget (1932/1994) e a teoria da ética do cuidado de Gilligan (1982). A convergência entre a justiça, a responsabilidade e o cuidado será o ponto de ligação entre as diferentes etapas da SD que se relacionam organicamente em um processo dialético e construtivo.

### **3. Uma proposta de sequência didática para o trabalho pedagógico com a educação em valores sociomoraes na escola**

**Tema:** Desenvolvendo valores morais e iniciando a construção da autonomia na escola de educação infantil.

**Público-alvo:** crianças entre cinco e seis anos de idade, matriculadas em instituições de Educação Infantil públicas e privadas.

**Objetivo Geral:** Proporcionar ambientes e ações pedagógicas que privilegiem a vivência e a formação de valores que auxiliem na construção da autonomia moral, a partir da concepção de criança enquanto sujeito ativo, tendo como referência a ética do cuidado e a justiça.

**Objetivos Específicos:**

- Sensibilizar as crianças para a educação em valores;
- Proporcionar à criança a participação na construção das regras da sala de aula e a compreensão de seu significado;
- Incentivar a resolução de conflitos por meio de discussões de dilemas morais contextualizados e adaptados à idade das crianças;
- Estimular a comunicação, o diálogo e a expressão do que a criança pensa e sente;
- Estimular a empatia e o cuidado com o outro;
- Abordar, por meio da literatura infantil, atitudes relacionadas aos valores de: Respeito; Amizade; Generosidade; Autoconfiança; Determinação; Superação;  
Responsabilidade; Honestidade e Prudência;
- Propiciar interações sociais baseadas na cooperação e no respeito mútuo;
- Estimular atitudes de respeito pelos outros e pelo ambiente;
- Incentivar a participação na tomada de decisão de forma democrática e
- Oportunizar diferentes situações lúdicas intencionadas para o desenvolvimento de valores sociomoraís.

**Conteúdo pedagógico:** Desenvolvimento de valores morais, com base na justiça e no cuidado com o outro, por meio da ação pedagógica intencional e planejada. É importante ratificar que os valores morais são ensinados e apreendidos, a partir das vivências e experiências proporcionadas pela convivência ética.

**Etapas a serem desenvolvidas:**

1. Sensibilização: a primeira etapa da SD é a de sensibilização das crianças sobre o tema. Para tanto, o trabalho com as emoções pode se tornar uma ferramenta que aproxima as crianças do tema dos valores morais. Proposição de atividades coletivas que trabalhem com as emoções, buscando suas expressões, nomeação e diferenças. Uma dica é assistir ao filme *Divertida Mente* (Disney/Pixar, 2015) e conversar com as crianças sobre as principais emoções que aparecem no filme: alegria, tristeza, raiva, medo e nojo. Mediar a discussão com perguntas: o que me deixa triste? O que me deixa feliz? O que faço quando estou com raiva? Sinto nojo de alguma coisa? Do quê? Tenho medo de algo? O quê? Será que meus amigos sentem medo de algo? Quando percebo que meu amigo está com medo, o que faço? O que faço quando um amigo está triste comigo? O que posso fazer para deixar meus amigos alegres? Tais perguntas e reflexões podem estimular a adoção da perspectiva de si e do outro. O desenho infantil também é um recurso poderoso para a expressão daquilo que se sente. Solicitar que a criança desenhe cenas de medo, alegria, tristeza, raiva e nojo e relatar como se sente ao olhar os seus desenhos e de seus colegas. Usar o diálogo com método que irá perpassar todas as etapas da SD.

2. Combinados: a definição das regras que mediarão as relações sociais na sala de aula pode ser chamada de combinados. Os combinados devem ser coletivos e democráticos, respeitando o direito da criança à fala, no sentido de emitir

suas opiniões, assim como o respeito à fala do outro. Os pequenos devem participar ativamente desse momento propondo a elaboração de regras que mediarão a convivência na escola. Pode ser confeccionado um painel móvel (feltro, papelão ou outro material) com fotos das crianças (a imagem também é um recurso poderoso para essa faixa etária) em momentos que representam a aceitação e compartilhamento das regras, tais como: ouvindo o outro, jogando lixo na lixeira, respeitando a fila, auxiliando um colega, entre outros momentos. É importante lembrar que os combinados devem ser revistos e refeitos sempre que necessário, desde que seja consenso do grupo.

3. Discussão de dilemas morais: “um dilema moral é uma situação na qual as reivindicações, direitos ou pontos de vista conflitantes podem ser identificados” (DEVRIES E ZAN, 1998, p.179). A proposição de dilemas morais, contextualizados e adaptados à idade das crianças, é um importante recurso utilizado na educação em valores. Podem ser dilemas morais hipotéticos ou derivados de situações reais. É importante lembrar que não há certo ou errado quando se discute um dilema moral, pois o que interessa é conhecer o que as crianças pensam sobre o tema e como reagem ao ponto de vista dos colegas, que podem ser diferentes do seu. É um exercício de descentração que auxilia na diminuição do egocentrismo e na troca de posicionamentos morais. Um exemplo de dilema hipotético: Está sendo preparada uma festa na escola com bolo, doces e salgadinhos para comemorar o dia do amigo. A professora comunica que as crianças só poderão comer, todas juntas, após a realização de uma outra atividade no pátio da escola. Enquanto todos estão no pátio, Carolina, que está com muita fome porque não tomou café da manhã em casa, entra na sala onde estão as comidas e come antes de todo mundo. Questionamentos: o que vocês acham da atitude de Carolina? É certo ou errado o que Carolina fez? Por quê? Alguém já viveu uma situação pa-

recida? Qual? O que fez? O que deveria ser feito com Carolina? Por quê? A condução das discussões sociomoraes pode ser realizada a partir de seis diretrizes concretas desenvolvidas no ambiente escolar:

1. Selecione um tema sobre o qual você pode esperar encontrar uma diferença de opiniões; 2. Leia muitas vezes histórias com dilemas para as crianças; 3. Ajude as crianças a reconhecerem todos os pontos de vista em uma história; 4. Faça perguntas abertas; 5. Ajude as crianças a esclarecerem seu raciocínio, repetindo o que elas afirmam de volta para elas; 6. Aceite todas as opiniões e posições. (DEVRIES E ZAN, 1998, p.181-186)

4. Resolução de conflitos: os conflitos entre as crianças são comuns no cotidiano da escola de Educação Infantil e podem ir desde a disputa por um brinquedo até enfrentamentos físicos. Muitas vezes, a tendência adotada pelo educador é a de resolver rapidamente o conflito, intervindo com uma solução pronta e decisiva. A proposta que a educação em valores faz é a de que tais momentos possam ser utilizados como meios para discussões e reflexões coletivas. É possível, como exemplo, relatar o conflito para a turma e debater possíveis soluções em uma roda de conversa ou outra dinâmica proposta pelo professor ou até mesmo pelas crianças. Sempre que houver conflitos, dialogar com as crianças, fazendo questionamentos, levando-os a discussões de dilemas morais, considerando o ponto de vista do outro e estimulando a busca da resolução dos conflitos entre si, contribuindo assim para o respeito mútuo, autorregularem e cooperação. (DEVRIES, ZAN, 1998; PUIG, 1998).

5. Leituras e roda de conversa: ainda que os métodos ativos sejam os mais adequados para a educação em valores, os métodos verbais também podem ser utilizados. Nesse sentido, o professor pode ler histórias para os pequenos e pro-



por rodas de conversa sobre as histórias lidas. Há muito material pedagógico interessante voltado a esse fim, como os produzidos por Luciene Tognetta e Paulo Masserani, entre os quais destacamos “Doideira de galo à toa”, “O reizinho e ele mesmo”, “O medo da Bia”, “Pata de elefante”, entre outros. Ainda como exemplo, citamos também, a coleção “Valores para a vida”, de Cristina Klein, que aborda os seguintes temas: tolerância, respeito, amizade, generosidade, determinação, superação, responsabilidade, honestidade e prudência. Antes da leitura o professor pode fazer um levantamento do conhecimento prévio das crianças sobre o tema a ser trabalhado. Durante a leitura é importante que o professor se certifique de que as crianças estão entendendo a história. Após a leitura é fundamental que haja uma conversa coletiva sobre o que foi lido e que o professor desafie os alunos a pensarem nas situações morais colocadas na história.

6. Role-Playing: é uma técnica de dramatização na qual as crianças podem assumir e experienciar diferentes papéis, a partir de situações que podem ser muito próximas da realidade. Com crianças pequenas é importante que o professor realize a mediação de todo o processo, propondo papéis, mas deixando espaço para a criatividade e expressão das crianças. É possível, por exemplo, propor a dramatização de histórias contadas na etapa anterior de leituras. Após o role-playing é necessário conversar com as crianças e deixar que as mesmas se expressem acerca da experiência vivida. (PUIG, 1998).

7. Atividades envolvendo a família: a educação em valores deve envolver a escola, a família e a sociedade como um todo. Enviar pesquisa para casa para que as crianças façam com os adultos, questionando sobre atitudes que demonstrem respeito e solidariedade com o próximo. Organizar um bazar de trocas, cada aluno irá trazer um brinquedo de casa e eles mesmos irão realizar a troca entre

si, estimulando a autonomia e possíveis resoluções de conflitos. É importante que a relação e o diálogo com a família extrapolem as reuniões entre pais e mestres e que possa se converter em objetivos e projetos comuns, voltados à construção da autonomia da criança.

8. Registros e avaliações coletivas: o registro e a avaliação são partes integrantes do processo pedagógico. O professor precisa fazer o registro das atividades realizadas durante o processo e avaliar continuamente o trabalho pedagógico desenvolvido. As crianças podem e devem participar do processo de avaliação, propondo alterações se acharem necessário. O professor pode desenvolver roteiros de observação que possibilitem comparar o antes e o depois das etapas, visando constatar a eficácia da SD.

#### **A mediação do professor**

Para que este processo se valide e a SD cumpra com seu objetivo de contribuir para o desenvolvimento do juízo moral dos alunos, considerando a justiça e o cuidado com o outro, é preciso enfatizar a importância do papel da mediação do professor e sua intencionalidade em todas as etapas da SD. As crianças entendem o professor como uma autoridade e se relacionam afetiva, cognitiva e socialmente com esse importante personagem da relação pedagógica. Escuta atenta, sensibilidade, formação sólida, pesquisas e estudos permanentes, cuidado com o outro, empatia e eleição da justiça e do cuidado com o outro como valores morais importantes são algumas das características que devem estar presentes na mediação docente. O estabelecimento de relações de cooperação, com base no respeito mútuo, na reciprocidade e no cuidado na sala de aula, a partir do estabelecimento de um ambiente sociomoral, é uma das funções do professor,

uma vez que as crianças ainda não possuem condições de se autorregular sozinhas, sendo a intervenção do adulto necessária. É importante lembrar que a avaliação do trabalho desenvolvido deve ser processual e contínua.

#### **4. Análises possíveis a partir da proposta da SD e do referencial teórico adotado**

A Educação Infantil trabalha com bebês, crianças muito pequenas e crianças pequenas (BNCC, 2017). De acordo com DeVries e Zan (1998, p.652), “a criança pequena ainda não construiu a personalidade unificada de um adulto mentalmente saudável, que tem uma certa consistência e coerência nos pensamentos, sentimentos e valores”, ou seja, os sentimentos e valores da criança ainda estão em construção e tendem a ser instáveis de uma situação para outra.

Segundo Piaget (1932/1994), a construção de um sistema afetivo mais estável, que pondera sentimentos, interesses e valores, ocorre gradualmente nas crianças pequenas, a partir das suas próprias vivências e experiências das suas relações com o outro (DEVRIES E ZAN, 1998).

Nesse sentido, os estudos de Souza (1996) apontam a educação infantil como uma etapa escolar primordial para o desenvolvimento da criança, uma vez que é durante esta etapa que as bases psíquicas e sociais do ser humano intensificam sua construção, se configurando como momento privilegiado para o estímulo das diversas áreas que compõem o desenvolvimento integral da criança. Entende-se que as experiências vivenciadas pelas crianças na educação infantil são fundamentais na formação do ser humano e que essas experiências podem marcá-las pela vida toda, incluindo nos aspectos ético e morais.

Nessa perspectiva, Folha (2013, p. 29) enfatiza que:

A educação em Valores é primordial para a formação na educação infantil por que permite que esse público vivencie práticas e procedimen-

tos relacionados a imperativos legitimados socialmente que contribuem para formar cidadãos cientes de que a valorização das regras que regem a organização das relações de grupo são os pilares para que a sociedade repense a sua condição humana.

Desta forma, compreende-se que a educação em valores, desde a educação infantil, seja primordial para a formação de adultos autônomos, emocionalmente mais estáveis, e conseqüentemente, cidadãos mais éticos, justos e com atitudes mais empáticas.

Na Educação Infantil, em relação aos cuidados e instrução, a convivência deve considerar o desenvolvimento emocional e cognitivo da criança pequena. Cuidado, ética e convívio estão ligados de modo intrínseco, pois não podemos estabelecer hábitos e relações de convivência sem criar e manter normas de bem viver. Portanto, considerando que o processo educativo é constituinte da moralidade e promove a convivência da criança em uma sociedade democrática (LIMA, 2003), é necessário que o tema da ética seja tratado de modo sistemático na escola. (HOPPE, SANTOS, 2021, p. 703)

Borges e Tognetta (2013), ao citarem Meyer (1995), defendem que para que a educação infantil seja, de fato, espaço de educação em valores é necessário repensar as práticas assumidas pelos professores desta etapa educativa, considerando não apenas os aspectos técnicos do ensino, mas o fator de formação humana, a partir de pessoas éticas que construam suas relações interpessoais baseadas no respeito mútuo.

Os espaços da educação infantil podem se converter em ambientes sociomoraes, a partir da intervenção intencional e planejada do professor. Essa intervenção necessita ser pensada a partir da contextualização e entendimento da prática, passar pelo processo de reflexão teórica e metodológica e retornar para uma prática agora transformadora e refletida. Esse movimento dialético se conecta à formação profissional e pessoal do professor, uma vez que aciona e potencializa fatores morais e afetivos imprescindíveis ao trabalho pedagógico com os valores na escola.

A concepção que o professor tem de criança e infância também é fator decisivo para uma práxis voltada à educação em valores. Para se educar moralmente, a partir de uma visão construtivista, é necessário que se entenda a criança como um ser ativo que ao interagir com o meio e com as outras pessoas se desenvolve e aprende.

Segundo DeVries e Zan (1998) é necessário oferecer a criança a oportunidade de regular o seu comportamento para que ela construa uma valorização de si e do outro, o que só se torna possível por meio das vivências coletivas,

Ao respeitar a vontade da criança, o adulto construtivista poderá ajudá-la a desenvolver a autorregularem baseada no respeito por outros, bem como por si mesma. A criança capaz de exercer sua vontade constrói gradualmente um sistema estável de sentimentos morais, sociais, intelectuais, interesses e valores. (DEVRIES E ZAN, 1998, p.58)

Ainda nesse sentido, DeVries e Zan (1998), destacam que para o bom desenvolvimento moral, emocional, social e intelectual das crianças, faz-se necessário, uma sala de aula moral, construída a partir de atitudes cooperativas, inclusive na relação do professor com as crianças e nos modos cooperativos de ensino.

No cotidiano da escola e da sala de aula irão ocorrer situações em que o professor, enquanto mediador, deverá promover questionamentos, levantar temas e auxiliar as crianças a refletirem e buscarem alternativas e soluções para os conflitos, de maneira ativa e coletiva.

Para que um trabalho pedagógico de educação em valores nesses moldes seja possível é necessário que se rompa com modelos tradicionais de ensino que concebem a criança como ser passível de recepção de conhecimentos prontos e replicáveis, sem considerar as diferenças qualitativas do pensamento infantil e o funcionamento de seus processos de construção do conhecimento.

Nesse sentido, apresentamos a proposta de SD como uma ação metodológica que pode se mostrar eficaz na organização intencional e sistemática das práticas pedagógicas, privilegiando as interações sociais, a convivência ética, o cuidado com o outro, a justiça e a autonomia por meio de um processo construtivista e interdisciplinar no que se refere aos temas educacionais e a formação humana.

Através de uma SD é possível explorar inúmeros recursos pedagógicos, para alcançar os objetivos estabelecidos, como por exemplo: levantamento prévio do conhecimento dos alunos; contação de histórias; jogos, dramatizações; músicas; rodas de conversa; discussão em grupo; passeios, atividades cooperativas; atividades investigativas, etc. No entanto cabe destacar que esses recursos devem ser organizados de forma contextualizada, para que a criança tenha uma aprendizagem significativa e que passando ao imaginário das crianças e estimulem a exploração dos temas que estejam em concordância com o desenvolvimento moral e a construção de valores.

Nesse sentido, a SD proposta neste trabalho tem como principal intenção promover o exercício da reflexão do professor que atua em sala de aula, para que se resgate o interesse do mesmo sobre essa temática tão necessária e imprescindível no desenvolvimento da criança, uma vez que a ação educativa demanda intenção pedagógica e também predisposição e desenvolvimento pessoal para que haja uma prática qualificada.

Além do resgate no interesse em se trabalhar educação em valores na educação infantil, o educador precisa compreender a importância da influência de sua postura na formação do caráter da criança. O desafio do educador em valores humanos é fazer uma reflexão sobre aspectos da realidade e intervir para construir ou transformar as ações vivenciadas pelas crianças no ambiente escolar.

É necessário também entender que o professor tem uma função social enquanto educador e necessita “ampliar o seu nível de comprometimento com o verdadeiro sentido de educar, requer do educador, doação, humildade, alegria, paciência, perseverança e, acima de tudo, mudança de postura na relação ensino/aprendizagem” (FOLHA, 2013, p. 30).

Assim, trabalhar a educação em valores na educação infantil é um desafio, por exigir dos educadores uma formação que os permita estimar os elementos que compõem a estrutura da essência maior dos aprendizes, que o torna um ser humano, diferente de outros seres e, ao mesmo tempo, comprometido com outros seres e com o mundo como um todo. A emoção, os sentimentos, seu caráter, pois os “valores concorrem para ampliar a capacidade de percepção, libertam a pessoa das práticas do individualismo, dissolvem preconceitos e diferenças; propicia a fraternidade e a construção de um mundo melhor” (FOLHA, 2013, p. 29).

### **5) Considerações finais**

Educar moralmente ou em valores, mais do que uma ação pedagógica, é um compromisso assumido pelo professor e pela escola visando a construção de uma sociedade mais justa, democrática e generosa. O diálogo é o método por excelência da educação em valores e as práticas éticas e morais na escola devem ocorrer cotidianamente. “O exercício ético está nos acordos diários que são estabelecidos e reafirmados a cada situação (LA TAILLE, 2009) e a conversação é a ferramenta que dispomos para a construção destes acordos e sua manutenção ou mudança.” (HOPPE, SANTOS, 2021, P. 718)

Na busca de extrapolar a discussão acerca de moralidade e gênero, opondo a justiça ao cuidado, optamos por um pensamento integrador, no qual defendemos a possibilidade de uma ética humana que inclua o cuidado e a justiça nos atos morais. “Na sociedade não-patriarcal, homens e mulheres podem ser livres para o exercício de diferentes vozes morais. Ambos são livremente capazes da justiça, da autonomia e do cuidado responsável nas relações”. (KUHNNEN, 2014, p. 03).

A educação em valores sociomorais, voltada a esse fim, deve ter início na Educação Infantil com a imersão da criança em uma atmosfera moral e em ambientes sociomorais que estimulem a convivência ética, o respeito ao outro, o diálogo como ação mediadora de conflitos, o cuidado, a generosidade e a justiça, entre outros valores e virtudes. Para tanto, é necessário que haja intenção e planejamento da instituição e do docente para a promoção das bases necessárias ao trabalho pedagógico voltado à educação em valores. García e Puig (2010) apontam sete competências profissionais fundamentais para que seja formada uma cultura escolar de construção de valores: ser você mesmo, reconhecer o outro, facilitar o diálogo, regular a participação, trabalhar em equipe, fazer escola e trabalhar em rede.

Dessa forma, educar em valores não é uma ação isolada - da família, da escola ou do professor - mas um esforço em rede, a partir de reflexões básicas sobre o que é uma vida boa e como viver essa vida boa, com base no reconhecimento do outro como sujeito que pensa, sente e se situa no mundo, exercitando a empatia, o respeito, o cuidado e a justiça.



## Referências

- ALMEIDA, A. R. S. A emoção na sala de aula. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- ARAÚJO, D. L. O que é (e como faz) sequência didática? Entre palavras, Fortaleza, ano 3, v.3, n.1, p. 322-334, jan/jul 2013.
- BARRIOS, A.; BRANCO, A. U. Desenvolvimento moral na educação infantil: Um estudo cultural construtivista. *Educação*, 44(2), 2021.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ministério da Educação, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: janeiro de 2021.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Ministério da Educação, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: janeiro de 2021.
- BORGES, A. K. S; TOGNETTA, L. R. P. A qualidade da interação entre pares e a implantação de um ambiente sociomoral cooperativo a partir da literatura infantil. *VERAS*, Vera Cruz, v. 3, n. 1, p. 16-35, nov./2013. Disponível em: <http://www.veracruz.edu.br/ise>. Acesso em: 20 nov. 2020.
- BUXARRAIS, M. R.; VILAFRANCA, I. (Org.) Una mirada femenina de la educación moral. Bilbao: Desclée De Brouwer, 2018.
- DEVRIES, R.; ZAN, B. A ética na educação infantil: O ambiente sócio-moral na escola. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p. 1-327.
- DIVERTIDAMENTE. Direção de Pete Docter. Estados Unidos: Disney Pixar, 2015. DVD (102 min.).
- FOLHA, F. B. A importância da prática pedagógica em valores da educação infantil. Brasília, 2013. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5074/1/2013\\_FabianeBatistaFolha.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/5074/1/2013_FabianeBatistaFolha.pdf). Acesso em janeiro de 2021.
- FREITAS, L. B. L. Autonomia moral na obra de Jean Piaget: a complexidade do conceito e sua importância para a educação. *Educar*, Curitiba, n. 19, p. 11-22, 2002.
- GARCÍA, X. M.; PUIG, J. M. As sete competências básicas para educar em valores. São Paulo: Summus, 2010.
- GILLIGAN, C. Uma voz diferente: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.
- GOERGEN, P. Educação moral hoje: cenários, perspectivas e perplexidades. *Educação Social*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 737-762, out./2007.

- HOPPE, M. M. W.; SILVA, T. L. Convivência, ética, e autoridade na educação infantil. *Quaestio*, Sorocaba, SP, v. 23, n. 3, p. 699-720, set./dez. 2021
- KUHNEN, T. A. A ética do cuidado como teoria feminista. *Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*. Universidade Estadual de Londrina, 27 a 29 de maio de 2014.
- LEPRE, R. M. Educação Moral na Escola: caminhos para a construção da cidadania. *Colloquium Humanarum*. v.3, n.1; 2005.
- MENIN, M. S. de S.; TREVISOL, M. T. C.; MARTINS, R. A. Educação em valores: em busca de projetos brasileiros em escolas públicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL. 2010, São Paulo -SP. *Anais*. São Paulo, 2010.
- MIGUEL, P. C. O desenvolvimento moral e o valor respeito na educação infantil. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021.
- MONTENEGRO, T. Educação infantil: a dimensão moral da função de cuidar. *Psicologia da educação*, São Paulo, n. 20, p. 77-101, jun. 2005.
- PIAGET, J. O juízo moral na criança. 3.ed. São Paulo: Summus, 1994.
- PIAGET, J. Os procedimentos da educação moral (1930). In: PARRAT, S.; TRYPHON, A. (org.). **Jean Piaget: sobre a pedagogia - textos inéditos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996. p. 1-36.
- PUIG, J. M. Ética e valores: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- SIQUEIRA, F. Q.; FREITAS, L. B. L. Valores morais vão à escola? Relação entre concepções de professores e a qualidade da formação. *Psico*, Porto Alegre, v. 52, n. 4, p. 1-13, jul.-set. 2021.
- SOUZA, E. R. O lúdico como possibilidade de inclusão no ensino fundamental. *Revista Motrivivência*, Campinas, v.8, n. 9, p. 339-347, dez. 1996.
- VASCONCELLOS, C. S. Prefácio. In. PACHECO, J. *Dicionário de valores*. São Paulo: Edições SM, 2012.
- ZABALA, A. A. *Prática Educativa. Como ensinar*. Tradução Ernani F. Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

Recebido: 06/04/2021

Aprovado: 12/05/2022